


**O DESEJO PROIBIDO COMO MARCA DA OPRESSÃO INFANTIL NO CONTO  
“CHINELA EMBORCADA”, DE ILDEFONSO GUIMARÃES**

**FORBIDDEN DESIRE AS A MARK OF CHILD OPPRESSION IN THE SHORT STORY  
“CHINELA EMBORCADA”, BY ILDEFONSO GUIMARÃES**

**EL DESEO PROHIBIDO COMO MARCA DE LA OPRESIÓN INFANTIL EN EL CUENTO  
“CHINELA EMBORCADA”, DE ILDEFONSO GUIMARÃES**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-025>

**Data de submissão:** 05/08/2025

**Data de publicação:** 05/09/2025

**Maria da Luz Lima Sales**

Professora Doutora em Ciências da Educação  
Instituição: Universidade de Évora (Uevora) - Portugal  
E-mail: maria.luz@ifpa.edu.br

**Wellerth Mendes Ribeiro**

Professor Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura  
Instituição: Universidade da Amazônia (Unama)  
E-mail: wellerth.ribeiro@ifpa.edu.br

---

**RESUMO**

O presente artigo busca fazer uma análise da narrativa “Chinela emborcada”, de Ildefonso Guimarães em uma leitura que debate temas como a violência perpetrada contra a criança ou o jovem, que pode ter consequências brutais. O objetivo deste trabalho transita por tentar responder às questões ontológicas que perpassam o assunto, ainda pertinentes ao contexto social em que se vive atualmente: por que usar de truculência e negar à criança os direitos a uma infância feliz e saudável? Tendo como foco a diegese ildefonsiana, a qual mantém a densidade narratológica necessária para causar no leitor empatia e reflexão, parte-se de uma metodologia que vai de uma ótica acerca das teorias mais recentes de proteção à juventude até os conceitos empregados pela psicanálise de Winnicott, o qual trabalhou com o tema da proximidade entre mãe e filho e seus laços. Ao discutir uma fase que deveria ser de aprendizagem e de boas descobertas, percebeu-se, como resultado deste estudo, que tais direitos do menor foram sonegados no conto, uma vez que o adulto ainda se considera superior ao menor e o subjuga de forma violenta, punindo-o desmedidamente em situações as mais variadas.

**Palavras-chave:** Direitos da Criança. Conto de Ildefonso Guimarães. Opressão.

**ABSTRACT**

This article seeks to analyze the narrative “Chinela Emborcada”, by Ildefonso Guimarães, through a reading that addresses themes such as violence perpetrated against children or young people, which may have brutal consequences. The aim of this work lies in attempting to answer ontological questions that permeate the subject, questions still relevant in today’s social context: why resort to brutality and deny children the right to a happy and healthy childhood? Focusing on Ildefonso’s diegesis, which preserves the narratological density necessary to elicit empathy and reflection in the reader, the methodology ranges from perspectives grounded in recent theories on youth protection to the concepts employed by Winnicott’s psychoanalysis, which dealt with the theme of mother–child proximity and bonding. By discussing a stage of life that should be marked by learning and positive discoveries, this

study concludes that such rights of the child are withheld in the short story, as the adult still considers himself superior and subjugates the child violently, punishing him disproportionately in varied situations.

**Keywords:** Children's Rights. Childhood. Youth. Oppression.

## **RESUMEN**

Este artículo analiza el cuento "Chinela Emborcada" de Ildefonso Guimarães, abordando temas como la violencia contra niños y jóvenes, que puede tener consecuencias brutales. El objetivo de este trabajo es responder a las preguntas ontológicas que subyacen al tema, las cuales siguen siendo relevantes en el contexto social actual: ¿por qué recurrir a la brutalidad y negar a los niños el derecho a una infancia feliz y saludable? Centrándose en la diégesis de Ildefonso Guimarães, que mantiene la densidad narratológica necesaria para inspirar empatía y reflexión en el lector, la metodología comienza con una perspectiva sobre las teorías más recientes de protección juvenil y los conceptos empleados por el psicoanálisis de Winnicott, que exploró el tema de la cercanía madre-hijo y sus vínculos. Al abordar una fase que debería ser de aprendizaje y descubrimientos positivos, este estudio reveló que los derechos del niño fueron negados en el cuento, ya que el adulto aún se considera superior a él y lo somete violentamente, castigándolo excesivamente en diversas situaciones.

**Palabras clave:** Derechos del Niño. Cuento de Ildefonso Guimarães. Opresión.

Todos sabemos que a nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização (Antonio Candido – Vários escritos).

## 1 INTRODUÇÃO

A vida do escritor Ildelfonso Guimarães, nascido em 1919 em Santarém, pode ser interessante para explicar os temas de sua obra, que traz em sua ficção a brutalidade perpetrada contra seres humanos muitas vezes desprotegidos. Passando grande parte da infância em Óbidos, cidade do interior do Pará, antes de servir ao Exército por 25 anos e, após ser reformado e contribuir no jornal *A Província do Pará*, desde muito jovem, dedica-se à arte literária e falece em 2004. Em sua produção, podem-se destacar um romance, crônicas e contos, da qual destacamos as coletâneas *Contos Recontados: Seleta* (1990) e *Senda Bruta*, esta última com primeira publicação em 1963 e outra edição mais recente (Guimarães, 2019).

O destaque a tais acontecimentos da vida do autor se justifica pelo fato de ter trabalhado em jornal, o que faz toda a diferença, uma vez que lá, ele tem contato com crimes que podem tê-lo inspirado, a exemplo do conto “Chinela emborcada” e de outros, igualmente densos e cheios de um realismo visto em autores como Rubem Fonseca, Chico Buarque de Holanda e outros mais atuais. A coletânea da qual tiramos essa narrativa, *Contos Recontados: Seleta* traz doze narrativas curtas, porém intensas, nas quais os dramas humanos são expostos com uma cruel destreza e sensibilidade na luta desigual pela sobrevivência em ambientes hostis, mesmo no universo infantil, em cenário repleto de injustiça e opressão aos mais vulneráveis. As narrativas desse livro revelam uma cadeia de violência e exploração, principalmente contra a criança e o jovem, geralmente destituídos de instrução.

O leitor de Guimarães é levado a refletir sobre o desrespeito perpetrado contra uma fase humana ainda impotente, em suas necessidades mais básicas. As personagens são desprovidas de carinho e proteção, e suas vidas são marcadas pelo embrutecimento, pela falta de dignidade em contextos tipicamente amazônicos e/ou de populações interioranas das quais fazem parte. Na contramão de um cenário de dor e opressão, o discurso oficial apresenta hoje inúmeros avanços no que tange à integridade física e mental de crianças e jovens, mas apenas constando sobretudo *no papel*. Fruto de intensos debates e conquistas, a proteção e o cuidado com o menor estão assinalados em nossa legislação, como na Lei 8.069/1990 (Brasil, 1990), que estabelece diretrizes fundamentais para o cuidado da criança e do adolescente. Contudo, apesar de tais progressos legais, não é raro encontrarmos casos de maus-tratos e abandono infantil. O contraste entre o discurso oficial e a realidade vigente parece ser uma das representações mais fortes na obra estudada do escritor santareno.

Para este estudo, primeiro tratar-se-ão dos direitos da infância, especificamente do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), documento importante, embora não fazendo parte do conhecimento

de quem mais seria interessado: crianças e jovens; mas também de outras leis necessárias ao cuidado e à dignidade que seres ainda em fase inicial ao desenvolvimento. Uma das formas de proteger os mais frágeis de punições de graus diferentes de violência é a Lei da Palmada, pois uma simples palmada pode ser tão brutal que pode ferir seriamente os menores por adultos que, muitas vezes, levados pelo furor, resolvem descontar sobre estes seus traumas e problemas não resolvidos.

Reportar-se-á, também neste artigo, a estudos que remetem aos desejos de morte em relação à própria mãe, conforme vemos no protagonista da narrativa de Ildefonso, a fim de se livrar dos castigos exacerbados que ele sofria dela. A revolta da criança, que sofre inúmeros maus-tratos, é a responsável pelo anseio de morte por parte do filho que não se sente amado – e deseja ainda que seu irmão, um bebê que está quase para nascer, pereça –, afinal, tratar-se-ia de mais uma boca para a família alimentar. O pequeno herói da narrativa não é necessariamente um ser bonzinho, mas pode se manifestar de forma camuflada como alguém que, no fundo, alimenta ódio e desprezo pelos próprios familiares.

A metodologia aplicada para esta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, percorrendo o campo de estudos de Donald Wood Winnicott (1975, 2020, 2022), por este estudar a relação – não tão simples – entre a criança, desde a mais tenra idade, até a adolescência, fase difícil pelo crescimento do corpo, suas mudanças radicais, bem como o desenvolvimento do lado emocional e psicológico do ser humano. O psicanalista britânico reforça o lado crucial do ambiente familiar, bem como o cuidado materno para o desenvolvimento infantil. A investigação qualitativa perscruta os sentimentos, desejos e angústias dos seres humanos, assuntos que podem ser, em parte, percebidos a partir do texto literário. Por tais aspectos, o estudo está fortemente ligado à psicanálise, por constituir o motivo da opção pelo procedimento investigativo adotado.

A psicanálise se propõe a analisar profundamente a mente humana, o inconsciente, desde a mais tenra idade do ser humano (no caso deste artigo, desde quando se é criança), pois é daí que vêm as respostas às questões do adulto, e também o comportamento, as neuroses e demais problemas que fazem com que o homem se relacione bem ou não com seus próximos. No tema abordado, a violência doméstica, que traz consequências negativas aos menores, o drama vivido pelo protagonista mirim será estudado, levando-se em conta o relacionamento entre um menino e sua mãe, por isso a opção neste trabalho por Winnicott.

## **2 DIREITOS, INFÂNCIA E AS IDEIAS DE WINNICOTT**

O conto de Guimarães foi escrito na década de 1960, em plena Ditadura Militar, época em que não havia legislação de proteção à pessoa humana como ocorre hoje; ao contrário, no Brasil pairava um clima similar ao do estado de exceção. Acerca do também chamado de estado de sítio, o filósofo

Giorgio Agamben (2004) o explica como ocorrendo em ambiente de opressão e censura, no qual as pessoas vivem um dia a dia diferente dos tempos de paz, pois as leis são subvertidas, uma vez que ele “marca um patamar onde lógica e práxis se indeterminam e onde uma pura violência sem *logos* pretende realizar um enunciado sem nenhuma referência real” (2004, p. 61).

Ao tratar do Direito à Vida e à Saúde, o Capítulo I do ECA focaliza as prerrogativas que possui a criança no tocante à sua dignidade, pois ela deve ser respeitada, não podendo sofrer castigos físicos, tratamento cruel ou degradante, tampouco humilhante – Lei Nº. 8.069/1990. Nesse primeiro capítulo, no artigo 98, a lei deixa claro que “As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados” (Brasil, 1990). Acrescenta-se, no Capítulo II, Art. 15, que “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis” (Brasil, 1990).

Criado há mais de duas décadas, o ECA não representa, entretanto, ainda uma realidade concreta e plena nos dias de hoje, e maus-tratos são ainda recorrentes (Almeida, Barbosa e Ferraro, 2022). A Lei brasileira constitui uma reivindicação considerada um progresso e modernidade. Não obstante, o que acontece no contexto atual é o seu desrespeito nos lares brasileiros, por motivo de ignorância de muitos pais e/ou responsáveis pela proteção da criança. Se todos tivessem acesso a uma boa instrução, sobretudo se em nossas escolas o Estatuto fosse estudado profundamente, far-se-ia da criança (e do adulto do futuro) um cidadão verdadeiro, ensinando-a nas aulas a fazer uma leitura crítica da vida e do mundo.

Outro passo importante na direção da proteção aos mais jovens se constitui na Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014 – uma alteração do ECA –, a qual acrescenta dispositivos de proteção às crianças e aos adolescentes. Conhecida popularmente como Lei da Palmada, pode ser considerada um avanço na luta contra os maus-tratos perpetrados contra os mais fracos:

A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer pretexto pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los. (Brasil, 2014)

A Lei da Palmada é também conhecida por Lei Menino Bernardo e faz referência ao pequeno Bernardo, de apenas onze anos, assassinado pelo próprio pai e pela madrasta, que o submeteram a uma overdose de medicamentos. Esses exemplos mostram que lidar com a criança requer equilíbrio e amorosidade, características que nem todos os adultos apresentam e que podem estes incorrer em sérios

danos a seres que não têm a obrigação de já nascerem sabendo de tudo, uma vez que o amadurecimento requer tempo e uma boa dose de paciência.

O protagonista do qual se vai falar é uma criança desprotegida, vivendo em meio a adultos violentos que não refletem sobre o universo infantil. Esses casos, tão comuns em lares brasileiros e de todo o mundo, refletem a cultura de brutalidade e de desamparo a que são submetidos meninos e meninas de todas as cores e credos, podendo gerar neles e nelas desvios de caráter, como o que estuda Donald Winnicott. Tais leis são essenciais a fim de que se ponha um freio à insensibilidade de adultos, pais, parentes e outros que estão próximos aos mais vulneráveis. E estes podem sofrer pela violência tanto física quanto psicológica pelo resto da existência, como vemos em outras obras, como a de Graciliano Ramos: *Infância*, na qual o autor mostra um quadro pungente de maldades a afligirem o garoto que o escritor foi um dia, pois o romance é de memórias.

A ideia de a infância ser um período marcante e que definirá o adulto de amanhã é defendida pelo psicanalista Winnicott, que vê na figura da mãe alguém imprescindível a um crescimento sadio da criança desde a mais tenra idade. É o que se observa no trecho a seguir:

Desde o nascimento, portanto, o ser humano está envolvido com o problema da relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido e, na solução desse problema, não existe saúde para o ser humano que não tenha sido iniciado suficientemente bem pela mãe. (Winnicott, 1975, p. 26)

Em seus livros o estudioso inglês, que primeiro exercia a profissão de médico de crianças, desenvolveu uma teoria observando-as em seu consultório, interrogando mães acerca das situações e comportamentos destas sobre aquelas e vice-versa. Ele conta em seu livro que coube a si mesmo “ser um psicanalista que, talvez por ter sido pediatra, sentiu a importância desse fator universal nas vidas dos bebês e das crianças, e que quis integrar sua observação com a teoria cujo processo de desenvolvimento é ocupação que toma todo o nosso tempo.” (Winnicott, 1975, p. 7). Dessa forma e em muitos anos de trabalho descobriu como as crianças se comportam em relação ao carinho materno, à alimentação, à necessidade de colo e aconchego. Para o teórico, o modo de segurar o bebê é imprescindível posto que é a primeira fonte de segurança dele, ou não (Winnicott, 2020, p. 26).

O termo “‘mãe’ suficiente boa” (Winnicott, 1975, p. 24), criado por ele, diz respeito a uma mãe – mas que pode ser outra mulher que o equivalha – que se esforça (não que seja perfeita) para dar o melhor de si a seu filho, no sentido de cuidados, alimentação, proteção e também manifestando os sentimentos por ele: carinho, afeto, olhar, sons (canções de ninar) e gestos. Tudo isso constitui a base para um adulto mais equilibrado, não necessariamente ideal ou irreprovável, mas uma pessoa mais tarde que seja sensata ou aquilo que chamamos de *normal*, se bem que a normalidade é um termo

complexo hoje. Ao passo que uma mãe *não suficiente boa*, ou seja, aquela com um relacionamento negativo para com a criança, que encontra dificuldade em mostrar-lhe amor, traria sérios problemas ou mesmo danos à saúde mental desse ser em formação, como é o caso de Mundinho, negligenciado pela mãe.

Separações, desatenções e/ou descasos para com o filho podem lhe acarretar grandes prejuízos, pois, segundo o autor: “Poder-se-ia dizer que, com seres humanos, não pode haver separação (distância), apenas uma ameaça dela, e essa ameaça é máxima ou minimamente traumática, conforme a experiência das primeiras separações.” (Winnicott, 1975, p. 171). Esses danos acontecem porque a criança desenvolve um vínculo, uma confiança na figura da mãe que não podem, não devem ser rompidos. A relação de confiança entre mãe e bebê (pois o médico estudou a criança desde o nascimento) é estabelecida muito cedo e traz a este ser autonomia ao longo dos anos até ele se tornar um adulto equilibrado ou mais satisfeito consigo mesmo e com o mundo à sua volta.

Winnicott (1975) também dá em sua obra uma grande contribuição à necessidade e importância do brincar (sadio), que a criança só desenvolve se tiver um bom relacionamento com a mãe ou outra qualquer figura materna que também se comporta com amor e carinho para com o pequeno ou a pequena. As brincadeira às quais o autor se refere não são apenas o que todos consideram como lazer, passatempo, recreação e folguedo. O que conta na teoria winnicottiana é a capacidade que a criança desenvolve de ser criativa com o ato de brincar. Se ela é feliz com sua mãe e brinca, tornar-se-á uma pessoa cheia de criatividade e imaginação. Brincar é desenvolver a si mesmo, crescer e ser ativo, produtivo, independente e mais seguro.

A criança protagonista do conto de Guimarães não brinca, trata-se de um ser amargo e raivoso, alimenta desejos destrutivos, os quais são estudados por Winnicott em vários de seus livros. O psicanalista, como seguidor de Freud, não necessariamente fiel em tudo a este, fala da “confiança do bebê [e da criança em geral] na fidedignidade da mãe e, portanto, na de outras pessoas e coisas, torna possível uma separação do não-eu a partir do eu.” (1975, p. 173). Ou seja, esse elo de mãe e filho é o responsável pela necessária separação que deve haver entre ambos com o tempo, pois se não a houver, a criança se torna dependente emocionalmente da mãe. Mas o autor não fala apenas na relevância da figura materna, o pai também tem um papel essencial na saúde e equilíbrio mentais do filho.

No conto estudado, o pai somente aparece em suas lembranças. Outras figuras surgem e uma delas choca ao menor, pois um clima libidinoso de pedofilia se instaura em certa cena e o menino Mundinho fica horrorizado e enojado com tal brutalidade. Ou seja, o meio ambiente é de vital importância para a criança poder se desenvolver de forma sadia ou não. Para o estudioso, “[...] A dinâmica é o processo de crescimento, sendo este herdado por cada indivíduo. Toma-se como certo,



aqui, o meio ambiente facilitante e suficientemente bom, que, no início do crescimento e desenvolvimento de cada indivíduo, constitui um *sine qua non*.” (Winnicott, 1975, p. 220). Na narrativa, o contrário é relatado, significando que o protagonista age de acordo com o que vivencia e apreende em casa.

Em outra obra, Winnicott utiliza outro termo, “mãe dedicada comum” para a mãe suficiente boa. Nela, ele afirma ter

uma boa razão para acreditar que devemos ser capazes de atribuir relevância etiológica (não culpa), e essa razão é a de que, de nenhum outro modo, podemos reconhecer o valor positivo do fator “mãe dedicada comum” – a necessidade vital que cada bebê tem de que alguém lhes facilite os estágios iniciais dos processos de crescimento psicológico, psicossomático ou, podemos dizer, do desenvolvimento dessa personalidade humana, que é a mais imatura e absolutamente dependente. (2020, p. 17, 18)

O psicanalista trabalhava com crianças, sobretudo com nenês, mas afirma que, “Embora eu tenha falado especialmente sobre bebês pequenos e sobre como as mães fazem o manejo deles, isso não significa que não tenha me referido também a crianças mais velhas.” (Winnicott, 2020, p. 26). Acerca das mais velhas ou quase adolescentes, dizendo que estas também precisam de cuidado, acompanhamento atento, carinhoso, de algumas horas de presença real para “voltar e trilhar novamente os passos que pertencem a estágios iniciais.” (Op. cit., 2020, p. 26).

As consequências podem ser desastrosas quando as crianças são negligenciadas ou sofrem maus-tratos, como é o caso de Mundinho, protagonista do conto de Ildefonso. E Winnicott também declara que “algumas dessas experiências foram excessivamente dolorosas na época [de bebês], pois ocorreram quando o ego não estava organizado e o ego auxiliar oferecido pela mãe era defeituoso” (Winnicott, 2020, p. 46). As experiências boas ou más acompanham a vida do indivíduo que é capaz de as armazenar na mente. Com essas vivências ele estabelece a habilidade e a competência de crer e confiar nelas e em seus atores. Se bons, a capacidade é positiva, estimulante; mas se más, o resultado pode ser danoso mentalmente, pois trata-se de práticas concretas a influenciar toda uma vida.

Em sua experiência de décadas, Winnicott afirma que a base da criança são os pais, e a figura da mãe tem ainda mais impacto no filho ou filha, seu sustento e segurança, talvez porque represente também o alimento (o seio) com que ele ou ela poderá crescer e se manter vivo. As feridas desenvolvidas por descasos ou negligência são indeléveis. É o que se percebe no trecho:

Em nosso trabalho com crianças mais velhas e com adultos, percebemos que tais lesões contribuem tanto para um sentimento de insegurança, quanto para que o processo de desenvolvimento seja interrompido pelas reações a elas, que fragmentam o fluxo de continuidade que é a criança.



[...] descobrimos que muitos distúrbios com os quais lidamos em termos de transtornos de personalidade poderiam ter sido evitados (Winnicott, 2020, p. 60, 62)

Finalmente, o psicanalista conclui esse pensamento acerca dos maus-tratos, explicando que quando se trata do pior caso, a criança se desenvolve de forma distorcida e, definitivamente, e seu caráter se desfigura. Então, “[...] Surgem sintomas que quase sempre são vistos como malcriação, e a criança sofre nas mãos de quem acredita que punições e educação corretiva podem curar o que na verdade são indícios profundos de uma falha ambiental.” (Winnicott, 2020, p. 81). É o que se lê no conto de Guimarães, a mãe usa de violência física para punir qualquer gesto mais livre de Mundinho, correndo o risco de ser injusta com ele. E as consequências são o que o menino deseja: a morte da mãe e do irmão.

### 3 O MUNDO AVESSO DE MUNDINHO

O mundo adulto é para Mundinho, personagem principal do conto “Chinela emborcada” de Ildefonso Guimarães, um espaço recheado de segredos e mistérios de uma realidade por vezes sórdida. Ao mesmo tempo em que vivencia os tratamentos impiedosos com surras imerecidas, o menino não deixa de querer ver e descobrir mais sobre aquilo que não entende ainda. A curiosidade o faz uma espécie de *voyeur*, sempre se aventurando a espionar eventos impróprios a ele. Escondido, tarde da noite, levanta-se da rede para observar o movimento em casa das mulheres que cuidavam da mãe prenhe e prestes a dar à luz mais um filho. Através do narrador onisciente, a história de um parto laborioso, que já durava dois dias, é contada. Para parir o quarto neném, a genitora é ajudada pelas mulheres de casa e por uma vizinha parteira.

Primeiro filho de uma família carente, Mudinho vislumbra, escondido de todos, o que lhe é interdito. As frestas e buracos de fechaduras são as janelas para as descobertas que o intrigam e o excitam, fazendo-o aos poucos perceber os mistérios da vida:

Espiar pelas reixas, buraco de fechadura e outros interstícios análogos é hábitos que já lhe tem proporcionado um mundo de descobertas inesperadas; muito das noções que tem da vida, em seus mistérios mais complexos, lhe vem desta mania de olhar pelas físgas. Agora essa forma indiscreta de investigação lhe revela mais uma vez a mãe nas agruras do parto (Guimarães, 1990, p. 59).

O universo feminino é-lhe estranho: a mãe, Filomena – nome que vem do grego, *Filoméne*, junção de *filo* (“ser amado”) mais o vocábulo *menos* (“força”), uma sutil alusão ao amor forçado de Mundinho para com a mãe –, a avó, a tia, a prima Roxana e Dona Bebê, parteira de braços esqueléticos. Ele visualiza a cena do parto, sem deixar de observar nas grossas coxas morenas e rijas de Roxana,

com as quais imaginava irem dar “aos limiões abismais, onde se ficam a vagar as suas suposições” (Guimarães, 1990, p. 62). Tal visão se contrastava com as pernas de Dona Marocas, “pelancudas e bambas, ostentando em relevo a rede hidrográfica das varizes” (Op. cit., 1990, p. 62). Esse mundo de mulheres, enigmático e encantador, a ajudar no parto de mais um irmão, provoca no pré-adolescente sensações novas.

O fato é que ao menino só resta espiar. Disciplinado nas rotineiras repreensões da mãe, não se atrevera a ultrapassar os limites impostos, mantendo-se a distância, mas atento apenas ao que as frestas lhe proporcionavam. A força de mãos pesadas com que sempre fora repreendido lhe tirava a coragem de sair de seu esconderijo. Vez por outra as lembranças dos castigos lhe afloram, doloridas como no excerto:

as surras que de vez em quando lhe aplica sob pretextos os mais banais, a maneira dura como repele de sua parte a mais tímida manifestação de afeto; enfim, tudo o que lhe volta ao pensamento a curtos intervalos, atuando como reforço à ideia primordial, ao turvo desiderato que vem tomando corpo em seu coração. (Guimarães, 1990, p. 64)

O desiderato ao qual se refere o narrador e que toma corpo é que a mãe morra, classificado na psicanálise como a tendência para a destruição. Acerca do que postulou Winnicott, a estudiosa de sua obra Ariadne de Moraes (2005, p. 232) afirma, acerca do amadurecimento do indivíduo, ser “relativamente fácil chegar à destrutividade que existe em nós quando ela está ligada à raiva perante a frustração, ao ódio em relação a algo que desaprovamos ou quando é uma reação ao medo”. Todos esperam da figura materna carinho, amor incondicional e cuidado, mas quando nada disso se realiza, a sensação de desestabilização ocorre de modo cada vez mais intenso e de acordo com a quantidade de desamor que se recebe do outro, pois as pessoas tendem a cobrar afeto das figuras mais próximas.

Num misto de sentimentos contraditórios, em certa cena o menino avista a chinela da mãe emborcada, conhecido sinal popular de mau agouro. Segundo Oswaldo Orico (1937, p. 69), estudioso das crendices da Amazônia, o gesto significa “Mau presságio; doença ou morte na família. Para evitar qualquer surpresa, aconselha-se que se tenha a cautela de desvirar o chinelo”. A crença de que o calçado virado seria prenúncio de morte ou desgraça (Batista; Batista, 2020) deixava Mundinho de alguma forma inquieto. A morte da mãe era um desejo oculto não confessado nem a si mesmo, mas que se misturava com o remorso de sequer pensar em algo tão mau. Entre um sentimento e outro, o garoto recorda situações perturbadoras da difícil relação entre ela e o filho:

“Porqueira!... Tamanho corno e não cria vergonha!” – E a chinela vibrando com fúria impiedosa: primeiro nas pernas, depois nas costas e afinal pelo rosto, numa sanha de golpes que sempre o deixam arrasado [sic], quando o arrancam do sono do amanhecer: e logo as mãos

como garras pelos cabelos, forçando-lhe a cabeça para o fundo da rede, ao contato úmido da urina ainda quente do corpo, entrando pelo nariz, deixando nos lábios dilacerados o ardume salgado que maltrata. – “Cachorro! Pra outra vez te esfrego o focinho mais é no chão!” (Guimarães, 1990, p. 64, 65)

O problema da enurese noturna, salientado no excerto acima, classifica-se como a perda de urina à noite durante o sono. Sapi et al (2009, p. 435) explicam que as “[...] Crianças que sofrem algum tipo de tortura podem desenvolver a enurese” e que o principal agressor é a mãe ou uma outra pessoa do convívio da criança. Esses estudiosos chamam a atenção para que

A taxa de agressão de quase 90% encontrada no presente estudo é alarmante e sugere que a agressão tanto física quanto verbal à criança e ao adolescente como forma de educá-los e condicioná-los é comum e culturalmente aceita nas famílias brasileiras. Alguns agressores entrevistados relataram que as punições eventualmente são necessárias para o aprendizado do menor; talvez por isso, alguns maus-tratos passem despercebidos. (Sapi et. al. 2009, p. 436)

O pequeno herói da narrativa não deseja que o irmão nasça: “Por Deus que esta porcaria não deve nascer!” (Guimarães, 1990, p. 64). Quer que ele morra, assim como a mãe, por ela se mostrar tão violenta contra ele. Para ele, se o mau presságio advindo da chinela emborcada não acontecesse com a mãe, haveria de ser com a criança, que poderia nascer morta. Aquele ser viria ao mundo e seria mais um a disputar o pão e o amor materno, um a mais a rir dele nos momentos de humilhação. Nesse momento, o protagonista transforma-se em vilão, tal a necessidade de se vingar de um mundo duro, retaliação que se estenderia ao bebê que ainda nem nasceu, um indesejado intruso.

No fundo de seu ser, a ira acumulada de uma criança rancorosa e rejeitada, posta à margem de afetos e protagonismos. O pensamento dele, recordando os inúmeros momentos em que suas investidas afetivas são rechaçadas pela mãe, traz consigo as dores nunca esquecidas, as vergonhas passadas por motivos banais. O padecimento físico e psicológico de Mundinho marcavam o cotidiano de espancamentos, puxões de cabelos e demais abominações sofridas, com a violência psicológica somada às outras.

Não se concebe que uma criança utilize o termo “Porqueira” ao irmão que está prestes a nascer. Mas o que mais percebe o leitor do conto sobre a personagem é o tratamento cruel e contínuo que o adoce por dentro. Sentindo-se incompreendido e injustiçado pela mãe, que não demonstra para com ele nenhum gesto amoroso, Mundinho mentaliza a possibilidade da crença na chinela emborcada tornar-se realidade. Porém sua prima, por temor ao possível desfecho indesejável, desemborcara a chinela antes de deixar o quarto, é quando a criança fantasia uma desforra. Virando novamente a chinela da mãe, retornaria a desdita para ela ou para o rebento que teimava em nascer. Sem pensar em qualquer outra consequência, o pequeno passa da ideia à ação: “O lance é rápido e leva em seu ato a

pressa de quem não terá outra oportunidade à vista”, de que se cumpra o terrível destino. “Pé ante pé, penetra no recinto, coração aos pulos, e emborca de novo embaixo da rede, a banda de chinela que ‘Roxa’, antes de sair, havia desemborcado” (Guimarães, 1990, p. 65).

Esse constitui o desfecho do conto: a obra é aberta, ou seja, pode haver mais de uma interpretação: pode ser que a mãe, por estar muito tempo em trabalho de parto, venha a morrer ao trazer ao mundo mais um bebê frágil, que disputaria com os irmãos os pedaços cada vez menores de alimentos necessários a um desenvolvimento sadio. Também é possível que a criança não sobreviva a um parto difícil, o que deixaria Mundinho feliz por um lado, mas também sentindo-se culpado por ter virado a sandália da mãe. Um terceiro final é plausível: pode ocorrer que ambos, mãe e filho, não vinguem e pereçam pelas mesmas causas apontadas acima. Outro final seria possível, mas menos provável: mãe e bebê sobreviveriam, embora em situação pesada a ambos.

As três primeiras opções seriam do agrado do menino: a primeira porque não quer mais surras daquela que somente deveria amá-lo; a segunda se justifica pelo desejo de que haja mais comida na mesa e portanto menos fome para ele. A terceira alternativa liga as anteriores às pretensões de viver sem violência e mais saciado, afinal, o mundo de Mundinho resume-se a uma rotina de dor e prazer clandestinos: suportar os maus-tratos, muitas vezes sem motivo que os explicaria, e espiar os outros, escondido – movido por uma curiosidade própria da idade – para que não seja descoberto e sofra as consequências desse ato, por ser assunto inadequado a alguém de sua idade e padecer as misérias de fome e outras carências, sobretudo, as afetivas.

Esse embate contínuo leva o protagonista a desejar que a pessoa que o espanca, mesmo que seja sua mãe, venha a morrer; e ainda o próprio irmão, que é inocente e inofensivo, mas que poderá se tornar mais um rival na luta pela sobrevivência. Esse momento da narrativa mostra que as crianças não são necessariamente boazinhas, conforme o pensamento maniqueísta reportados nas histórias infantis. Ao contrário, elas trazem dentro de si desejos contraditórios e até mórbidos se se sentirem ameaçadas, já que se constituem em seres indefesos e que o sentimento de impotência as segue por toda a infância.

#### **4 O TABU DO MATRICÍDIO NO CONTO DE ILDEFONSO E EM OUTRAS OBRAS LITERÁRIAS**

O tema matricídio é tão antigo quanto o próprio homem, tanto que em um retorno aos mitos da Antiguidade grega já se estabelecia o conflito entre pais e filhos. Electra talvez seja o mais forte exemplo que se liga ao matricídio, embora haja outro que Aristóteles (2005, p. 33) cita: Alcmeão também mata Erifila, sua mãe. Personagem da mitologia grega de duas tragédias, uma de Sófocles e outra de Eurípides, célebres dramaturgos antigos, Electra é filha de Agamêmnon e de Clitemnestra e

irmã de Orestes. Ela protagoniza uma trama que termina no assassinato da mãe, planejado e executado por ela e pelo irmão como vingança da morte do pai pelo amante de sua mãe. Assim sendo, tanto no mito da Grécia quanto no conto de Ildefonso ocorrem os mesmos sentimentos de amor, ódio e vingança exacerbados contra a figura materna.

Clitemnestra, a esposa adúltera, e o amante Egisto haviam tramado a morte de Amamênon quando ele retornasse da guerra de Troia (Ésquilo, 1991). No momento em que Electra descobre o crime, resolve vingar-se juntamente com o irmão, de tão pérfido ato; ela, que tanto sofrera os castigos impostos pela mãe, sendo tratada como escrava no palácio, também teme pela segurança de Orestes, pois ele poderia se tornar o sucessor de seu pai no poder. Depois de crescer fora de Micenas, o irmão retorna à cidade natal e é induzido por Electra a matar os responsáveis pelo destino de seu pai (Ésquilo, 1991). O mito de Electra foi usado pela psicanálise como a versão feminina do complexo de Édipo, assinalando o grande amor e desejo da filha pelo pai. Contudo, percebe-se pela narrativa que ela é mais levada pela fúria do que pelo ciúme.

O caso mais chamativo sobre o tema do matricídio – e de que muitos se lembram até hoje – ocorreu em 2002, quando Suzane von Richthofen matou, junto ao namorado e ao irmão dele, a mãe e o pai quando estes dormiam. Os três planejaram e executaram o crime de forma violenta, sendo que a moça não estava presente no ato, mas se encontrava na sala de sua luxuosa casa, aguardando a conclusão do ato pela dupla (Bicalho; Reis, 2024). O delito chamou muita atenção da mídia pelo fato de a filha ter calculado a ação com o rapaz a quem namorava e seu irmão, uma jovem de classe média alta com uma mãe que era psiquiatra e o pai, engenheiro.

Voltando à tragédia grega, acontece o mesmo com Electra, que planeja mas não executa o crime. Mundinho, assim como a princesa grega, não se deixa levar pela compaixão e emborca a chinela em uma vingança muda que se concretiza, pelo menos na imaginação do menino. Destaca-se que o matricídio, tema tabu e, no conto de Ildefonso, não se concretiza, apenas se configura como um desejo latente ou fantasia do protagonista. O assunto denota um sentimento vingativo extremo, beirando a loucura. A sede de justiça é alimentada pelo ódio, um sentimento cuidadosamente trabalhado pela narrativa ildefonsiana, sendo mais uma revolta, que se desfia em cenas ou lembranças, denunciando costumeiras violências, identificadas inclusive com a pedofilia:

De repente, eis que lhe volta a lembrança sórdida: a memória da mão por baixo da mesa segurando a coisa ominosa, enquanto os demais se divertem na festa. Uma cena que lhe volta como uma bofetada, tal foi o impacto de sua inesperada visão. – Depois dessa noite terrível, ser forçado a beijar aquela mão para tomar a bênção lhe traz engulhos, a compulsiva sensação de um asco sem dimensões. (Guimarães, 1990, p. 65)

Se no mito de Electra, a vingança é projetada e executada através do irmão Orestes, aguardada por anos com paciência e determinação, em Mundinho as ações são inesperadas, ele mesmo só conseguindo enxergar a possibilidade de vingança após perceber que a chinela havia sido desemborcada. A atitude do protagonista é a marca de uma ação dramática, sufocada no minguado espaço em que se movimentam as personagens. O sentido da sua existência já tinha sido esmagado pelas inúmeras agressões sofridas, e o silêncio dele converte-se, naquele instante, na denúncia de um gesto sem trégua – verdadeiro cenário de horror implícito, que quebra os limites de um tabu.

O pequeno herói se protege por trás de uma ação, aparentemente, inocente. Assim, não se confronta com o fantasma dos assassinos, presente em outras narrativas do teatro, a exemplo de *Macbeth* de Shakespeare (2022). O crime não se realiza ou não se sabe se ocorre, então os mortos não têm que vir assombrá-lo. O temor fica por conta do leitor que é consciente de tudo, sabe das intenções do menino e se torna testemunha do interdito. Nesse sentido, “Chinela emborcada” parece nos colocar diante de uma narrativa que se aproxima do sublime ou do grotesco, gênero que também se encaixa como o estranho, pois Aristóteles (2008) já explicava na Antiguidade que nos atraímos também por cenas repelentes. O sublime, como categoria literária, causa intensa comoção a quem se depara com tal obra literária e instala-se um horror diferente do habitual, no qual elementos estéticos impactantes surgem quebrando as sequências narratológicas tradicionais, causando, ao mesmo tempo, arrebatamento e angústia a quem lê.

Para Edmund Burke, o sublime tem suas raízes na apreensão do leitor diante do pavor inefável:

Tudo que seja de algum modo capaz de incitar as ideias de dor e de perigo, isto é, tudo que seja de alguma maneira terrível ou relacionado a objetos terríveis ou atua de um modo análogo ao terror constitui uma fonte do *sublime*, isto é, produz a mais forte emoção de que o espírito é capaz. (Burke, 1993, p. 48 [itálico do autor])

Trata-se, portanto, de um conto provocante o estudado, que instiga quem abre as páginas e encontra o grotesco ou sublime, levando-o à reflexão em cenas breves e tensas, aguardando e temendo o pior. A narrativa sensibiliza o leitor, pela crueldade vivenciada por Mundinho, ao mesmo tempo em que o aterroriza por ver o desejo de vingança de uma simples criança, pois não se espera isso dela. Nesse caso, o temor é duplo: no plano da narrativa, surpreendendo quem se confronta com esta; no plano do narrador – que não aparece na história, mas provoca um misto de sensações –, deixando a personagem apavorada com os maus-tratos. O medo, enquanto instrumento de dominação de grandes contra pequenos, sempre foi matéria trabalhada pela literatura. Do ponto de vista dos direitos humanos, a arte literária é um campo aberto para a reflexão da violência contra o menor.



Em um contexto no qual boa parcela da sociedade defende a redução da maioridade penal no Brasil mas a outra também a questiona (Silva; Ferreira, 2025), a obra literária parece revelar um outro lado, pouco percebido pelos adultos que se esqueceram de sua fase inicial na vida: o olhar infantil. No ensaio “O direito à literatura”, Antonio Candido (2004), antes de abordar o tema puramente literário, faz uma ponderação sobre os direitos humanos, indagando o leitor acerca da contradição e irracionalidade do homem moderno, que exclui a população mais necessitada do conforto e dos bens de consumo. Para o crítico, a literatura faz refletir sobre os problemas humanos e tem o poder de humanizar o leitor, porque aprimora sua percepção e mundividência, satisfazendo-lhe as necessidades mais básicas, já que o homem não vive sem literatura, seja oral ou escrita.

Para ilustrar seu pensamento, Candido cita escritores do século XIX que focalizaram as injustiças sofridas por menores: Victor Hugo, Eugène Sue, Charles Dickens e Dostoiévski. Segundo o estudioso, “a pobreza, a ignorância e a opressão geram o crime, ao qual o homem é por assim dizer condenado pelas condições sociais” (Candido, 2004, p. 183), se bem que no conto ildefonsiano não há crime comedido, apenas o desejo de morte. Na literatura nacional, o tema da criança maltratada – que hoje é visto como crime, haja vista a citada Lei da Palmada –, é explorado também por diversos autores. Pode-se recordar o “Conto de escola”, de Machado de Assis, no qual o protagonista criança sente-se aprisionado na escola e vê pela janela, com tristeza, os colegas de rua livres a aproveitar a manhã para brincar, “a fina flor do bairro e do gênero humano” (Assis, 2007, p. 327).

A obra citada, *Infância*, de Ramos, faz um pungente retrato do Graciliano que um dia foi menino e que também apresenta uma mãe não amorosa e dura, para a qual “Qualquer futilidade, [...] ranger de dobradiça ou choro de criança, lhe restituía o azedume e a inquietação” (Ramos, 1986, p. 13). Mais recentemente, podemos citar romances como *Cidade de Deus*, de Paulo Lins (2007), que também trazem a questão da violência doméstica, sendo que uma das obras mais intensas é o de Graciliano Ramos, pois mostra como um ser muito pequeno e inocente pode sofrer e ser tão injustiçado.

Em muitos dos contos de Guimarães, encontram-se formas de opressão contra a criança. Além do texto estudado, o livro *Contos recontados: seleta* mostra “Os olhos de Eulália”, enquanto em *Senda bruta* (2019) há o exemplo de “Menino e cão”, ambos a enveredar por situações com a infância sofrida em dramas equiparados à realidade vivenciada por meninos e meninas de hoje. No primeiro, mostra-se a que grau pode chegar a crueldade humana em uma história sobre o medo aterrorizante que sente o protagonista. Toninho, um menino abandonado pelos pais e entregue à própria sorte para ser criado pela madrinha Eulália – na verdade uma mulher que sente prazer em torturar e abusar da criança. Já na epígrafe algo de terrível é revelado – a criança e sua impotência: “E só compreendem a solidão aqueles que sabem, convictos, que seu grito não será ouvido” (Guimarães, 1990, p. 77).



Em “Menino e cão”, ambas as personagens costumam aventurar-se, roubando cotidianamente no vai e vem da feira do Ver-o-Peso de Belém, em busca de comida. Trata-se de uma narrativa que expõe a perspectiva vinda mais do animal que do próprio homem. Tal como em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2024), com a cachorra Baleia, homens e animais se igualam, e estes aparecem com mais sensibilidade que o próprio ser humano. Mais uma vez se encontra o mundo dos menores anônimos com a função de uma espécie de arrimo de família, que têm de enfrentar a fome, o desemprego dos pais que, para não morrerem à míngua, têm de se submeter os filhos a trabalhos insalubres, indignos, mais similares à escravidão ou a uma vida de delinquência.

Esses constituem alguns dos exemplos dolorosos da ficção, mas que podem ser vistos na realidade de todos os dias. A obra literária se apresenta na *mimesis*, uma vez que representa a vida real e a escolhe ou os fragmentos dela para servirem de fábula a qual será aproveitada e burilada até se tornar arte. Uns aproveitam suas próprias experiências, é o caso de Graciliano Ramos, que expôs em memórias sua infância sofrida de menino que não teve o carinho, a sensibilidade e compreensão dos pais. Outros, como Sófocles e Eurípides, para citar apenas estes, vão buscar no Outro e em seus dramas mais perturbadores o alimento para compor suas histórias mais ou menos macabras. No final, tudo se transforma em literatura, jogo de prazer com que o leitor brinca, frui-se para esquecer as agruras de sua existência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo da morte da própria mãe tratar-se-ia mais de uma fantasia de Mundinho, levando-o também que almejasse o mesmo destino para o irmão ainda nem nascido, pelo menos é o que pensa ao desvirar a sandália. Esse processo de desumanização do protagonista tem origem nos maus-tratos impetrados por sua genitora. Na oscilação entre o intento de matar – acabar com a violência materna, haver mais alimento para si e não sofrer humilhações – e o remorso por tal aspiração, pesa nas lembranças da opressão vivida.

Sem poder revidar, o herói da narrativa se vale da credence popular. O ato simbólico de emborcar a chinela poderia ser equiparado à ação de envenenar ou de apunhalar pelas costas, guardas as diferenças. A justiça, neste caso, é inquisitória, na qual o réu não tem direito à defesa, e o juiz é também vítima e carrasco. O conto estudado permite uma leitura impactante e reflexiva por parte do leitor. Isso se deve ao fato de Ildefonso Guimarães ser um escritor de grande habilidade a qual lhe permite explorar os matizes narratológicos em curtos espaços de escrita e gerar efeitos intensos sobre o universo de quem o lê.

Os temas abordados nos contos de Ildefonso são em geral do cotidiano, no sentido de prosaicos, porém explorados de um modo sensível, o que permite ao estudioso de sua obra uma visão renovada de fatos com os quais se deparara no dia a dia. Ver crianças espancadas ainda é bastante comum em nossos tempos, mesmo com a existência de leis que, em tese, salvaguardam a integridade física delas. Tudo isso provoca a catarse, o prazer do texto, levando leitores a se questionarem sobre por que usar de truculência com a criança e negar a ela os direitos a uma infância feliz e saudável.

Podemos dizer que tal contexto esmagador nos leva ao desejo de pensar situações atrozizadas vividas na infância, mostrando o poder que a literatura tem de alertar as pessoas para os mais variados problemas sociais. Nesse sentido, a literatura acaba também servindo de instrumento de mudança social, no sentido de convidar esse leitor à reflexão e permitir que ele saia de sua zona de conforto, pare e pense: se o menino recebia somente violência da mãe, o que poderia aprender com esses atos? Mãe é para amar o filho, como vimos aqui de certo psicanalista. Negligenciar a criança é seguir por um caminho que dificilmente terá final feliz.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Estado de exceção. Tradução Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ALMEIDA, Eloísa Machado de; BARBOSA, Ana Laura Pereira; FERRARO, Luíza Pavan. A Prioridade Absoluta dos Direitos de Crianças e Adolescentes nas Cortes superiores brasileiras. FGV Diereito SP. Alana, 2022.
- ARISTÓTELES. Poética. Tradução Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- ARISTÓTELES. A poética clássica. Aristóteles, Horácio, Longino. Tradução Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- ASSIS, Machado. 50 Contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BATISTA, Célio Augusto A.; BATISTA, Halley Guimarães. Breve História dos Municípios do Cariri Cearense: fatos e dados. Fortaleza: INESP, 2020
- BICALHO, L. M. A.; REIS, F. L. C. Suzane Von Richthofen: cruelmente “interessada, inteligente e aplicada”. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 27, p. 219–236, 2024. DOI: 10.5216/ci.v27.80933. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/80933>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- BURKE, Edmund. Uma Investigação Filosófica sobre a origem de nossas Ideias do Sublime e do Belo. Trad. Enid Abreu Dobránszky, Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 4. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.
- ÉSQUILO. Oréstia. Agamêmnon. Coéforas. Eumênides. Tradução de Mário da Gama Kury. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- GUIMARÃES, Ildefonso. Contos recontados: seleta. Belém: Cejup, 1990.
- GUIMARÃES, Ildefonso. Senda bruta. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2019.
- LINS, Paulo. Cidade de Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MORAES, Ariadne A. R. E. de. A contribuição winnicottiana para a teoria e clínica da depressão. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. São Paulo, PUC, 2005.
- ORICO, Oswaldo. Vocabulário de Crendices Amazônicas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- RAMOS, Graciliano. Infância. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1995.
- RAMOS, Graciliano. Vidas secas. 1. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2024.

SAPI, Melina C.; VASCONCELOS, Juliana S.; SILVA, Fernando G.; DAMIÃO, Ronaldo; SILVA, Elísio A. da. Avaliação da violência intradomiciliar na criança e no adolescente enuréticos. J Pediatric (RJ). 2009; 85(5): 433-437.

SHAKESPEARE, William. Macbeth. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2022.

SILVA, Andréa Teixeira; FERREIRA, Sara B. A redução da maioria penal no Brasil: implicações jurídicas e sociais em perspectiva interdisciplinar. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, Ano 8, Vol. VIII, n.18, jan.-jun., 2025. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/2089/1652>. Acesso em: 20 ago. 2025.

WINNICOTT, Donald W. Bebês e suas mães. Tradução Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WINNICOTT, Donald W. O brincar & a realidade. Tradução Tavistock Publications Ltd., José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.